

A Índia de Narendra Modi: O Pós-2014 e o Efeito do Nacionalismo Hindu na Índia Contemporânea

Narendra Modi's India: The Post-2014 and the Effect of Hindu Nationalism in Contemporary India

Joana Patrícia Lopes*

* Instituto do Oriente, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Portugal;
Email: joanapatriciamlopes@gmail.com

DOI: 10.33167/1645-4677.DAXIYANGGUO2021.27/pp.69-89

RESUMO

A eleição de Narendra Modi como Primeiro Ministro da Índia nas eleições gerais de 2014 constituiu um ponto de viragem na política doméstica e internacional da República da Índia. A perceção da Índia como potência global, aspirando a um novo estatuto na arena internacional, tem sido clarificada desde 2014, constituindo um dos ambiciosos projetos do novo Primeiro Ministro para o país. É seguro afirmar que Modi veio trazer uma maior complexidade ao sistema político Indiano, através da ascensão ao poder do Bharatiya Janata Party (BJP), assente na retórica do Nacionalismo-Hindu e na homogeneização da herança cultural da Índia como território exclusivamente Hindu, opondo-se assim ao secularismo Indiano firmado no período do pós-independência. Os efeitos de um governo de extrema-direita alicerçado numa forte retórica religiosa na sociedade civil são abordados neste artigo, bem como o projeto de Modi para a Índia nas próximas décadas.

Palavras-chave: Índia; Nacionalismo-Hindu; Populismo; Metodologia

ABSTRACT

The election of Narendra Modi as the Prime Minister of India in the 2014 general elections was a turning point in the domestic and international politics of the Republic of India. The perception of India as a global power, aspiring to a new status in the international arena, has been clarified since 2014, being one of the ambitious projects of the new Prime Minister for the country. It is safe to affirm that Modi came to bring greater complexity to the Indian political system, through the Bharatiya Janata Party (BJP)'s ascension to power, based on the Hindu-nationalist rhetoric, and the homogenization of India's religious heritage as exclusively Hindu, opposing itself to the Indian secularism, firm in the post-Independence period. The effects of a far-right political party based in a strong religious rhetoric on the civil society are approached on this article, as well as the Modi's project for India in the next few decades.

Keywords: India; Hindu-nationalism; Populism; Methodology

1. Introdução

A independência da Índia em 1947 constituiu um importante marco no contexto da arena internacional, com o nascimento de um novo ator independente, bem como a nível regional, assinalando a aguardada partição do subcontinente que resultou em duas nações emergentes, a República da Índia e a República Islâmica do Paquistão. Durante as primeiras três décadas do período pós-1945, a esfera política da Índia era caracterizada por um sistema consideravelmente estável e pela admirável manutenção de um sistema democrático sólido, especialmente em comparação com os exemplos de antigas colónias, onde a construção e manutenção de um sistema político livre não tinha sido alcançada. O sistema político da República da Índia foi firmado no secularismo, não-alinhamento e socialismo^[1].

Contudo, desafios ao sistema democrático surgiram durante a década de 80, crucial para a firmação a nível político da Índia de Modi, uma vez que foi verificada uma forte ameaça às liberdades individuais e coletivas através da declaração de estado de emergência, suspendendo múltiplas liberdades e direitos através de um conjunto de práticas ilícitas contra os cidadãos da Índia, bem como o do domínio do partido único. A década seguinte observou a rotura do sistema anterior, seguida da nova projeção internacional da Índia, que trouxe liberalização económica e o aumento significativo de políticas de direita, bem como o aumento da segregação étnica e religiosa, estando ambas claramente interligadas na esfera política (Desai, 2002).

1. É crucial mencionar que as referências a secularismo ao longo deste artigo se referem à adaptação do secularismo Indiano, e não às concepções de secularismo originadas no Ocidente. Mais informação disponível em <<https://www.jstor.org/stable/41855808>>.

A viragem para o século XXI trouxe transformações na política interna e no desenvolvimento da República da Índia, transformações essas que já advêm do cenário do pós-independência desde o ano de 1947. Cada década testemunha profundas alterações a múltiplos níveis que transcendem a esfera política, sendo que o mais significativo ocorreu entre 2011 e 2015, com a retirada de 90 milhões de pessoas do estatuto de pobreza extrema. Apesar das taxas de crescimento elevadas durante vários anos, a COVID-19 trouxe uma significativa desaceleração, apesar de ser esperado que o crescimento estabilize nos 7% graças à intervenção do Banco Central da Índia².

Contudo, os anos 2000 trouxeram mudanças fulcrais a nível político-partidário no contexto doméstico da política Indiana. O anterior domínio do Partido do Congresso Indiana, sendo simplesmente denominado de Congresso, cujos valores de não-alinhamento, secularismo e socialismo influenciaram a sociedade Indiana no decurso de várias décadas desde o pós-Independência, passou para segundo plano, com a silenciosa subida de partidos de extrema-direita cujos valores e objetivos eram opostos aos que fundaram a República da Índia em 1947. De entre estes partidos é de notável consideração o *Bharatiya Janata Party*, também conhecido como BJP: o partido que se encontra no poder desde 2014, representado pelo Primeiro Ministro, Narendra Modi, e digno de consideração aquando da menção a política Indiana e desenvolvimento.

Traduzido como “Partido Popular Indiana”, as suas origens estão interligadas a um dos maiores grupos de extrema-direita Indianos, e consequente a um jovem Narendra Modi, que absorveu os seus valores a par com os da transição de uma Índia colonizada para uma Índia recém-independente. A organização de voluntários paramilitar *Rashtriya Swayamsevak Sangh*, ou simplesmente RSS, constitui assim uma das maiores ameaças à liberdade religiosa e política na Índia, desde a altura da sua criação, em 1925, mantendo-se ativo ao longo das décadas e exercendo forte influência, começando pelas gerações mais jovens.

O ano de 2014 contemplou a forte influência e consecutiva adesão por parte do povo a partidos de extrema-direita cujos valores se centram em redor de uma narrativa exclusivamente Hindu, segregando a restante multiplicidade de grupos religiosos presentes na Índia, focando-se em políticas baseadas no conservadorismo, alicerçadas numa base firme de nacionalismo e militarismo. A democracia na Índia é em si um fenómeno que continua em movimento, e que se tem alterado ao longo das décadas, particularmente no século XXI. Este artigo visa assim analisar a Índia do pós-2014 sob o governo de

2. Dados disponibilizados pelo Banco Mundial.

Narendra Modi, personalidade chave no que toca à disseminação do nacionalismo Hindu e da imagem da Índia como futura superpotência regida pela filosofia política centrada no Hinduísmo: Hindutva.

2. O Ano de 2014: Ponto de Viragem Político na Índia

É necessário algum contexto político no qual a Índia se insere no período imediato que precede o ano de 2014, uma vez que este constituiu uma forte retificação a nível ideológico da política doméstica da Índia³. O ano antecessor às eleições é percecionado como momento-chave, uma vez que reúne algumas das considerações relativas ao ponto de viragem observado em 2014.

O ano de 2013 é descrito por alguns autores como um prelúdio das eleições gerais de 2014, denotando a ocorrência de eventos importantes que culminaram no começo de uma nova era no ano seguinte. Exemplo disso é a desaceleração no crescimento económico do país, verificada no crescimento do produto interno bruto, aliado a várias questões de fraude económica e corrupção, convertidos em processos longos e julgamentos consecutivamente adiados. Os partidos políticos contemplavam as eleições de 2014 como uma porta de entrada para o governo, visto que o Primeiro Ministro na altura, Manmohan Singh, ambicionava a reforma da vida política nas eleições seguintes. Contudo, o ano de 2013 trouxe ao de cima questões fulcrais no seio da sociedade Indiana, com a chocante notícia de uma violação em grupo a uma jovem de 22 anos em Deli, que acabou por não sobreviver. Este caso fatídico, de elevada atenção internacional, contestou a ação da polícia Indiana perante casos de violação ou relativos a violência sexual, despoletando protestos por todo o país. Outros escândalos relativos a corrupção — como a obtenção ilegal de licenças para a extração de carvão, ou o caso do Espectro 2G —, a par com casos relacionados com demoras excessivas no julgamento de corrupção por parte de políticos Indianos, revelando declarada impunidade, despoletou o interesse do Supremo Tribunal na criminalização de políticos, visto que até à data, estes podiam permanecer no exercício das suas funções públicas, levando a cabo os seus cargos políticos. Este constituiu o começo na mudança de perspetiva de certas problemáticas, até à data meramente contempladas como parte da sociedade, mas que eram agora contestadas como possíveis fatores mutáveis na sociedade Indiana, rumo a uma Índia onde os órgãos de

3. Efetuou uma ressalva acerca de como os resultados das eleições do Lok Sabha (Câmara dos Deputados do Parlamento Indiano) de 2014, espelharam a acumulação de sucessivos eventos do foro ideológico. É necessária a cuidadosa análise deste evento tendo em conta o contexto histórico e sociológico da Índia desde o período imediato do pós-independência, em 1947.

justiça não só eram confiáveis, como eram agentes ativos em múltiplas esferas da sociedade.

As questões acima mencionadas relativamente ao contexto da Índia de 2013 — e também no seguinte ano de 2014 — em múltiplas esferas, demonstra o cariz prioritário das problemáticas carecidas de resolução, fazendo com que haja maior compreensão face às alternativas políticas propostas em 2014, bem como a metodologia utilizada, que personificou Modi como a resolução dos problemas enfrentados pelo país até à data. Estas questões não resumizam, de todo, a Índia das últimas décadas, mas demonstram uma síntese da Índia do século XXI, onde múltiplas questões relacionadas com os direitos e liberdades no seio da sociedade Indiana emergiram, requerendo solução eficaz por parte do povo (Wyatt, Andrew, 154: 2014).

Em setembro de 2013, Narendra Modi é anunciado como o candidato a Primeiro Ministro pelo Partido Bharatiya Janata (BJP), e apesar do seu forte percurso político como Ministro-Chefe de Gujarat, o seu envolvimento em múltiplas polémicas ao longo do mandato dividia opiniões. Porém, o sucesso económico durante o seu mandato em Gujarat, bem como o seu acentuado carisma e retórica, conquistaram grande parte do eleitorado. Na altura, as relações diplomáticas da Índia com algumas das potências-chave da sua política externa encontravam-se em posições interessantes. Apesar do potencial na relação com o Paquistão, a dificuldade em estreitar relações persistia, agravada com o julgamento dos ataques terroristas a Mumbai em 2008. A China permanecia como ameaça militar, e as contestações territoriais sobre Caxemira continuavam, apesar do reconhecimento por parte da Índia do Tibete como parte da China no passado. Com os EUA, a tensão aumentou em 2013 com a detenção de uma oficial consular Indiana em Nova Iorque, apesar da relação ter melhorado com a eleição de Modi em 2014 e o convite por parte de Obama para o Primeiro Ministro Indiano visitar a Casa Branca.

Assim sendo, ocorreram as eleições de 2014 do Lok Sabha, a Câmara dos Deputados do Parlamento Indiano. A atmosfera vivida na Índia refletia um país ansiando por mudança, austeridade e crescimento, visto que alguns dos recentes eventos transpuseram a natureza imputável não só de forças de segurança, mas também de políticos, no seio do Parlamento Indiano. O diálogo acerca do crescimento e desenvolvimento económico da Índia foi intenso durante o período da campanha eleitoral, bem como as questões relativas à governação, que derivaram da existência de múltiplos processos de julgamento por corrupção que eram consecutivamente demorados, como mencionado anteriormente. Estas temáticas contribuíram fortemente para a eleição de Modi, bem como o seu foco em questões de governação justa e crescimento

económico, tendo em conta a fase estimulante de múltiplas questões de cariz governativo e ético que se levantavam na Índia, bem como o seu polémico mandato como Chefe-Ministro de Gujarat, que apesar de tudo, foi associado pelo público a considerável crescimento económico⁴.

A inesperada vitória do BJP em 2014 como partido independente projetou o partido para o título de primeira maioria atingida por um partido desde as eleições de 1984 — ganhas pelo Congresso —, especialmente quando era esperado que ganhasse a Aliança Nacional Democrática, uma coligação liderada pelo BJP. Apesar de ter sido o governo eleito, o partido não deteve controlo do Rajya Sabha (a Câmara Alta do Parlamento Indiano), pelo que a necessidade de coligações aliadas se manteve (Wyatt, 2015: 35). É mencionado por alguns autores como o enfraquecimento da oposição permitiu a maior confiança por parte do BJP, aliado à forte projeção do partido durante a campanha eleitoral — nomeadamente de Modi — ao longo de toda a Índia, bem como premissas de crescimento económico e medidas anticorrupção, constituíram elementos apelativos ao eleitorado para votar no BJP (Wyatt, 2015: 46).

O partido é frequentemente denominado como extrema-direita na Índia devido à conjunção de vários fatores ao longo das décadas, começando pela fundação do partido, proveniente da organização RSS, assente em valores altamente segregativos e nacionalistas de Hindutva, comparados, por alguns autores aos valores fascistas vividos na Europa no século XX, bem como o elevado cariz homogeneizador relativamente a crenças religiosas em território indiano. Após o assassinato de Mahatma Gandhi em 1948 por Nathuram Godse, antigo membro do RSS, Jawaharlal Nehru, Primeiro-Ministro indiano na altura, apelidou o RSS como grupo fascista, tendo este sido banido pela primeira vez em Punjab, em 1947 — que constituía ainda parte do subcontinente indiano, ocupado pelos Britânicos —, e mais tarde, em 1948, apesar do levantamento da sanção, um ano mais tarde (Hameed, 2020: 28). Algumas das características do partido associadas à extrema-direita no contexto da Índia e à sua ligação ao RSS, são: o forte nacionalismo, assente na militarização (frequentemente atribuída à corrida da Índia ao estatuto de superpotência, e à relação tensa com o Paquistão e a República Popular da China); a alienação das minorias religiosas na Índia, sendo que perante a Hindutva são considerados Indianos apenas os Hindus, Budistas, Sikhs e Jainistas, sendo a Índia o local

4. Apesar da associação de Modi ao crescimento ocorrido no estado de Gujarat durante o seu mandato, alguns cientistas políticos defendem que o fenómeno não se deveu exclusivamente às políticas implementadas por Modi — as chamadas *Modinomics*. Porém, esta informação foi fortemente utilizada para reforçar a credibilidade do BJP e da retórica Hindutva na sua associação a crescimento e desenvolvimento, em especial durante o período de campanha eleitoral (Pandya-Wagh, Kinjal: 2017).

do nascimento das suas religiões (segundo a Hindutva, os Muçulmanos são considerados um dos primeiros inimigos da nação, sendo que outras minorias religiosas como Cristãos e Dalits são também culturalmente vistos como externos ao país); a oposição à liberdade cultural e religiosa, uma vez que o partido é frequentemente associado a protestos contra locais religiosos de minorias na Índia, sendo muitas vezes acusado de fomentar protestos e tumultos, incentivando a violência contra esses grupos; e a supressão da oposição através da circulação de propaganda através de várias plataformas de redes sociais, que muitas vezes se baseiam em factos fabricados, sem qualquer censura por parte do governo (Hameed, 2020: 37).

Os resultados das eleições de 2014 foram considerados inéditos em parte devido à vitória do BJP em múltiplos estados ao longo de toda a Índia, expandindo a sua influência geográfica em áreas onde a adesão era consideravelmente menor no passado. Expressões como “ponto de viragem”, “histórico”, e “épico”, foram frequentemente utilizadas para descrever as décimas-sextas eleições gerais da Índia (Mitra e Schöttli, 2016: 605). Este evento não constituiu assim um começo, mas uma sucessão do esforço consecutivo ao longo de várias décadas, não só a nível político, referindo-se concretamente ao BJP, mas ao culminar da presença forte de organizações como o RSS, o que se veio a confirmar como o novo paradigma na política interna da Índia após a reeleição de Modi em 2018: uma Índia onde o nacionalismo-hindu já proliferara ruidosamente por todo o país. Este fenómeno não só demonstrou o reforço da filosofia Hindutva entre o eleitorado Hindu, como salientou o poder da metodologia populista utilizada por Modi, que transformava o foco da filosofia do partido, apostando na forte associação a Modi enquanto personalidade heroica no contexto político e social da Índia.

Alguns autores, porém, denominam a vitória do BJP como um realinhamento na política doméstica Indiana, sendo utilizado o termo “eleições críticas”⁵, que se refere à intensidade e envolvimento presentes na campanha eleitoral, na qual ocorrem ajustamentos mais ou menos profundos nas relações de poder da comunidade, e no seio do qual se formam novos grupos eleitorais, sendo estas eleições cruciais na definição do espectro político dos votantes, visto que ocorre um realinhamento na afiliação dos mesmos (in Mitra e Schöttli, 2016: 606–607). Esta é de facto a tendência observada e confirmada quando, nas eleições gerais realizadas em 2019, com a maior percentagem de sempre de eleitores na Índia, o BJP permaneceu ao poder, demonstrando o alinhamento significativo, observado anos antes pelos autores.

5. Cunhado pelo cientista político Norte-Americano V. O. Key (1955) no seu artigo “A Theory of Critical Elections”, *The Journal of Politics*, 17(1), 3–18.

Esta não foi a primeira vez que o partido esteve presente no governo, uma vez que a vitória da coligação NDA liderada pelo BJP em 1999, que governou entre 1999 e 2004, demonstra a conquista consecutiva de terreno eleitoral por parte do partido nas últimas três décadas. Porém, pela primeira vez, assisteu-se a uma total projeção de valores cortantes na sociedade indiana de forma nunca antes vista. Começando pela campanha eleitoral, a metodologia utilizada conduzia uma clara mensagem de extrema-direita e nacionalismo expressa na Hindutva, aplicada ao contexto político. Porém, a proliferação da mensagem em inúmeros meios de comunicação, bem como a disseminação de mensagens de ódio através de plataformas de redes sociais, contribuiu para que esta fosse uma das eleições mais controversas de sempre.

Os autores mencionam também que as eleições de 2014 demonstraram o efeito do aumento da consciência política na sociedade indiana, uma vez que ficaram marcadas pelos inúmeros protestos que diziam respeito a questões centrais da sociedade, como a corrupção, e a ineficácia do sistema policial face à condenação nos casos de violação na Índia, temas esses que exigiam uma notória mudança política por parte do povo (Mitra e Schöttli, 2016: 610).

A metodologia utilizada sob a forma de propaganda constituiu um dos fatores cruciais na eleição de Modi, introduzindo os valores de Hindutva no discurso sensacionalista e emocional, invocando grandes referências históricas, e elaborando iniciativas inovadoras. Este fenómeno é sustentado pelo autor tendo por base o Modelo de Newman, conectando fatores específicos com a intenção de voto, mencionando como os elementos-chave da campanha de 2014:

- A mudança, tendo em consideração as problemáticas enfrentadas pela Índia na altura;
- A construção da imagem de Modi e a associação de elementos visuais ao candidato (nomeadamente a sua túnica e calças de linho, aliadas ao uso intensivo da cor açafrão, e a sua saudação usual ‘Namastê’), bem como a sua reputação e presença durante a campanha, através de slogans, comícios, iniciativas e atividades, incluindo até o uso de hologramas de Modi quando este não conseguia estar presente, bem como os métodos utilizados sob a forma de propaganda e abuso de persuasão fortemente presente em múltiplos meios de comunicação.

O autor menciona também o suporte dado à imagem do candidato através de eventos da sua vida, bem como situações que reforçam a sua mensagem e o teor de relativização e identificação por parte do eleitorado com a personalidade em si (Ovhal, 2021).

De modo a compreender a Hindutva de Narendra Modi, é necessária a contextualização do termo, bem como do seu conteúdo filosófico, criado por V. D. Savarkar, o fundador da ideologia nacionalista assente na homogeneização filosófica e religiosa da Índia como nação Hindu. O importante contexto histórico necessário à compreensão da ideologia provém de meados do ano 1923, quando a Índia se encontrava sob o domínio Britânico, e onde foi popularizado o contexto por Savarkar, como forma de afirmação da Índia como nação independente — sobretudo em termos filosóficos e religiosos, aspirando à consequente independência política e económica. Savarkar defendia a governação da Índia de acordo com os Vedas, uma das mais antigas escrituras sagradas do Hinduísmo. Os pilares desta ideologia, de acordo com Savarkar, são a geografia, raça e cultura. Assim, o enquadramento no quadro filosófico da Hindutva requer não só a adoção dos costumes Hindus, como a identificação com o território da Índia como a “Terra Mãe”, sendo mencionada múltiplas vezes por Savarkar a herança do sangue do Hindustão, refletindo a adoção dos costumes e culturas a um nível profundo, bem como o reconhecimento da Índia como um território exclusivamente Hindu. Esta questão é frequentemente refutada com as menções, por parte de Savarkar, acerca da violação à Terra Mãe levada a cabo por parte de diversos povos invasores, incluindo os reinos Muçulmanos que ocuparam o subcontinente ao longo dos séculos, e mais tarde os países colonizadores que se fixaram na Índia. Esta filosofia é considerada pela autora como uma resposta à opressão causada consecutivamente por várias potências estrangeiras ao país (Lopes, 2020: 13).

A corrente filosófica de Narendra Modi foi, desde tenra idade, assente nos princípios da Hindutva de Savarkar, uma vez que Modi cresceu no seio do RSS, organização fundada por K. B. Hedgewar, em 1925. Esta base filosófica é observada por vários autores durante os anos em que Modi esteve ao poder, quer como Primeiro-Ministro da Índia, quer como Ministro em Gujarat, sendo que a sua adaptação dos valores da Hindutva foi cunhada como *Moditva*: a sua própria adaptação da filosofia ao contexto político e social vivido pela Índia no século XXI, particularmente aquando da sua eleição como Primeiro-Ministro. Contudo, Modi tem contruído a sua imagem populista como um líder do povo, transmitindo e seguindo a sua filosofia de forma inteligente, através da sua proliferação nos meios de comunicação, utilizando muitas vezes a imagem e memória histórica de Mahatma Ghandi — o total oposto da filosofia Hindutva — como forma de dar vida à sua imagem acessível e popular como Primeiro Ministro da Índia⁶.

6. Este tema será aprofundado na secção seguinte do artigo.

Assim sendo, os valores do Congresso Indiano, vindos dos primórdios da independência da Índia, foram subvalorizados face a um candidato perçecionado como ambicioso e lutador, que chegara por conta própria ao seu lugar, criando um caminho equiparado ao pioneirismo de Ghandi enquanto defensor da Mãe Índia. Usufruindo assim de algumas das personalidades mais emblemáticas da história da Índia, aliado ao seu carisma e representação de uma Índia forte e unida, Modi tornou-se uma figura apelativa ao eleitorado durante as eleições, aligeirando o seu passado controverso como Ministro-Chefe, e conduzindo a sua Hindutva de forma diplomática e metódica. O resultado desta campanha, executada de forma inteligente e minuciosa, resultou na adesão de estados, como Uttar Pradesh, que obtiveram pela primeira vez maioria de votos em favor do BJP, fruto da narrativa de crescimento e desenvolvimento, bem como dos aliciantes comícios políticos levados a cabo pelo Partido.

A sua narrativa acerca do desenvolvimento da Índia e do combate à corrupção serviu de catalisador para a posterior inclusão da Hindutva como ideologia política, transcendendo a sua esfera filosófica. Assim, a campanha para as eleições de 2014 constituiu um ponto crucial na política doméstica da Índia e consecutivas repercussões regionais e globais. O uso de determinados meios de disseminação de Hindutva, adaptados à multiplicidade de recursos disponíveis em pleno século XXI, demonstra a versatilidade e adaptabilidade desta ideologia à atualidade, e da capacidade de Modi em se perçecionar como a incorporação da mesma, num contexto político em mudança constante, onde as práticas democráticas começam a ser colocadas em causa.

3. Índia como Projeto de Narendra Modi

O governo de Modi é caracterizado pela forte atividade e presença, seja ela online ou nos múltiplos comícios políticos, onde a imagem Primeiro Ministro é fortemente exibido. A elaborada personalidade Modi, cativante e ética, é fortemente exposta: quer em jornais de papel como no elaborado website do primeiro ministro, onde a vida e infância do mesmo são detalhadamente relatadas de forma quase romântica, evocando a forte evidência da retórica Ghandiana do pós-independência. O seu ênfase no patriotismo e numa Índia unida demonstram a sua própria perçecção para o país, a par com a sua utopia filosófica, baseada na Hindutva.

A vitória do BJP e a sua futura governação foi conotada, por alguns autores e analistas, como uma possível ameaça ao desenvolvimento económico da Índia, à paz e à própria democracia, derivado da retórica Nacionalista-Hindu e à própria Hindutva enquanto filosofia, fortemente associada a segregação, conflito e estigma, o preciso oposto aos valores revogados por Modi enquanto per-

sonalidade do partido. Outros referiram as poucas mudanças sob o governo de Modi, justificando como a matriz anterior de governação aparenta continuar semelhante (Mitra e Schöttli, 2016: 607).

Atendendo ao seu percurso político, para além de ter crescido no seio de um dos grupos mais ativos na proclamação da Hindutva — não só em território Indiano, mas também na diáspora Indiana —, Modi era já Ministro-Chefe do estado de Gujarat desde o ano de 2001, presenciando várias polémicas ao longo da sua carreira política, frequentemente envolvendo conflitos de cariz étnico-religioso entre Hindus e Muçulmanos. Enquanto que o cúmulo da expressão de Hindutva enquanto filosofia, bastante expandida na sociedade Indiana, ocorreu em 1992, aquando da destruição de um templo Mughal em Ayodhya, a vitória de Modi nas eleições nacionais de 2014 é descrita como “o clímax moderno da ideologia do Nacionalismo-Hindu, representado por Modi” (Lopes, 2020: 34).

No entanto, Modi disputava o lugar com um candidato descendente dos fundadores da Índia independente, e a questão da dinastia teve um papel significativo na campanha eleitoral, sendo Modi percecionado como um candidato que chegara ao seu lugar através de mérito, em comparação com o seu opositor e a sua descendência de uma das famílias mais prestigiadas da Índia (Mitra e Schöttli, 2016: 614). Esta constitui uma das razões pelas quais Modi apresentou significativa adesão, numa eleição que não teve como princípio a cor política, mas a personalidade que representava cada partido, ainda que esse princípio se baseasse na imagem polida de dois indivíduos, disputando o lugar de Primeiro Ministro da Índia.

A par das suas várias iniciativas inovadoras desde 2014, ele é apresentado de forma exemplar como a incorporação das qualidades positivas do país, negligenciando certos aspetos que continuam a carecer de resolução. Ele incute no povo a iniciativa, o dever de constituir uma Índia proativa e desenvolvida, ao mesmo tempo que defende a unidade e a importância de cada indivíduo no contexto social e político. A sua abordagem diplomática reflete igualmente esta tendência moralista, o que é indiciado por alguns autores como um posicionamento do governo acima da ideologia (Wyatt, 2015: 37). É também mencionado pelo autor como o BJP se encontra mais forte hoje “(...) do que qualquer partido nacional no governo desde 1984” (Wyatt, 2015: 40).

É relevante denotar que Modi não representa somente a Hindutva como ideologia política, sendo esta a incorporação de elementos cruciais na história da Índia, mas também as influências de Mahatma Ghandi e Jawaharlal Nehru (Lopes, 2020: 33). Ele efetuou a sua própria aplicação da ideologia, adequando-a à metodologia existente no século XXI — como foi observado na sua

campanha eleitoral para as eleições de 2014 —, beneficiando de elementos filosóficos de indivíduos como Swami Vivekananda, aliados a Savarkar, o pai do nacionalismo Hindu. Esta retórica, apesar de aparentemente contraditória, demonstra a elevada capacidade de Modi, que efetua uma seleção histórica, alicerçada nos objetivos do RSS (Rashtriya Swayamsevak Sangh), pelo que incluindo na sua narrativa valores Ghandianos que remontam ao caminho percorrido até à independência da Índia.

A sua perceção inovadora do país constitui uma das razões pelas quais Modi se tornou tão apelativo face ao eleitorado mais jovem, uma nova geração globalizada, nascida após a introdução por parte de Manmohan Singh às reformas económicas de 1991. Para além das questões sociais que surgiram na Índia nos últimos anos, a promessa de uma Índia global e desenvolvida, para além de poderosa a nível militar, constituem uma das razões pelas quais Modi é visto com tanta admiração na Índia.

4. O Possível Retorno ao Sistema Unipartidário

Dado a importância das eleições de 2014, alguns autores mencionam que estas constituíram um possível regresso ao sistema unipartidário na Índia no século XXI, devido à aparente natureza bipolar no sistema político Indiano, havendo um contraste claro entre dois eixos: à esquerda o Congresso, e à extrema-direita o BJP, atual governo da República da Índia. Na última década assistiu-se a uma maior consciência política e ao foco intensivo nestes dois eixos, que representam mais do que um espectro político. O Congresso evoca a Independência do país, estando associado ao triunfo sob o extenso domínio colonial, e da criação da Índia como nação independente. O BJP representa a tentativa de união da Índia como nação Hindu, e a consequente negação da multiplicidade religiosa que tem caracterizado a região ao longo de vários séculos. Assim, ao considerar o peso destes dois partidos no sistema político Indiano, é também considerada a forte questão histórica que lhes está associada.

Assim, a primeira vez que a Índia viu uma maioria absoluta nas eleições do Lok Sabha foi em 1984, quando Rajeev Gandhi, filho Indira Ghandi, Primeira Ministra do país e filha de Jawaharlal Nehru, tomou posse após o seu assassinato. Porém, as eleições de 2014 foram inéditas por três fortes razões: foi a primeira vez que a Índia elegeu um partido que não o Congresso; a primeira vez que um partido político ganhou com maioria após 1984; e por último, o surgimento da imagem de um líder político que transcende o seu próprio partido (e ideologia), e acaba por dominar a política Indiana no geral, fenómeno que se tinha registado somente perante a entrada de Indira Gandhi para o cenário político na Índia (Chandhoke, 2016: 3).

Esta hipótese é apresentada pela autora atendendo ao contexto político e social do ano de 1989, que constituiu um marco histórico. Alguns cientistas políticos declararam que a Índia seria governada, daí em diante, por coligações políticas, e que o domínio de um sistema unipartidário — até à data constituído pelo Partido do Congresso — terminara, e que nenhum dos dois partidos conseguiria sustentar uma maioria absoluta, referindo-se assim à oposição entre o Congresso e o BJP. Assim, a coligação fora “catapultada” para as agendas políticas, dando início a uma era onde o governo funcionaria por meio de coligações e não de partidos únicos, que chegavam ao poder por si só (Chandhoke, 2016: 3).

Assim sendo, as eleições de 2014 constituíram uma viragem completa nas previsões de cientistas políticos face ao sistema político da Índia, acrescentando a este facto a admirável manutenção de uma democracia após a Independência em 1947, e a condução de eleições livres. Até à data, o domínio do Congresso era um dado adquirido, uma constante na vida política Indiana. A associação do partido com os valores da liberdade e independência contribuíram para a continuidade na eleição do partido, quer para o governo, quer para o parlamento. Também o facto de o BJP ter surgido apenas em 1980 — apesar de ser um sucessor de dois partidos baseados no Nacionalismo-Hindu, o *Bharatiya Jana Sangh* (1951-1977), e o Partido Janata (1977-1980) —, constitui uma das razões para o domínio do Congresso na política Indiana desde o período do Pós-Independência.

O Congresso representa então uma coligação de interesses políticos que remonta à década de 1920, bem como de múltiplos grupos de identidade desde os anos posteriores a 1920, agrupando grandes proprietários de terra, camponeses, operários, castas e comunidades religiosas, mulheres e organizações jovens, que no contexto dos anos 20, efetuava a mediação entre o governo e as bases do partido, comparando perspectivas (Kothari, 1964: 1161-1173, in Chandhoke, 2016: 4). É também debatido por outro autor como a natureza multidisciplinar do Congresso foi preservada após a independência, acomodando diversos interesses e procurando o equilíbrio dentro do partido (Dua, 1987: 349-372, in Chandhoke, 2016: 5).

Porém, a década de 80 trouxe transformações no sistema político da Índia que afetaram também o Congresso, que não acomodava os interesses do Nacionalismo-Hindu, mas sim a sustentação de múltiplas perspectivas alinhadas com as políticas de não-alinhamento e secularismo defendidas pela Índia após a independência. O BJP agrega, em si, múltiplos grupos dentro da mesma ideologia — como o RSS, do qual teve origem —, e descende da criação de partidos políticos que procedem à aplicação da *Hindutva* como ideologia política, acrescentando uma maior complexidade ao sistema. Assim, após o

assassinato de Indira Ghandi, bem como o seu tempo no governo, fortemente associado a controvérsias no âmbito das liberdades e direitos civis, e após os acontecimentos levados a cabo em Ayodhya com a demolição da mesquita Islâmica em 1992 por grupos fundamentalistas Hindus, formaram-se as condições necessárias para o futuro sucesso de um partido como o BJP.

A autora menciona como a vitória do BJP e a sua chegada triunfante ao governo em 2014 representou um culminar de situações nos passados cinco anos, que geraram descontentamento face à organização que até à data liderava, o Congresso. Como mencionado anteriormente, os valores associados a ambos os partidos foram então colocados em segundo plano com o surgimento de duas figuras emblemáticas, vindas de contextos socioeconómicos distintos, trazendo uma mensagem de esperança e prosperidade para a Índia: Narendra Modi e Rajeev Ghandi.

Modi é descrito pela autora como um “agitador” após um período conturbado na política Indiana, onde múltiplos problemas prementes a nível social e político surgiam, sem avistamento de qualquer resolução. Ele foi percecionado como um líder político *de facto*, e a sua estratégia para o desenvolvimento da Índia foi vista de modo promissor, e mais importante, exequível. É também mencionado o papel dos partidos políticos baseados no sistema de castas e a sua predominância até 2014, nomeadamente em estados onde o BJP acabou por ganhar por maioria, como o de Uttar Pradesh. Esta forte influência foi também um dos propulsores para a eleição de um partido que, apesar de ter por base a Hindutva, se foca primariamente na perceção de uma Índia Hindu, sem especificamente se centrar no sistema de castas como base normativa, e na hierarquia no âmbito do partido⁷. Narendra Modi é em si é o exemplo de como Hindutva, enquanto ideologia, transcende o sistema de castas, uma vez que este pertence a uma das castas mais desfavorecidas do sistema, sendo essa uma das razões pelas quais é tomado por referência.

O regresso do sistema unipartidário no contexto da política Indiana é algo inédito, na medida em que o BJP é diferente da narrativa única que a Índia tem vivido politicamente desde a Independência: é um partido político baseado num grupo forte, ideologicamente orientado, disciplinado e baseado em quadros — o RSS (Chandhoke, 2016: 9). Os alicerces ideológicos fortes do BJP trazem complexidade ao sistema político, uma vez que trazem novas temáticas

7. Apesar da veracidade desta informação até à data, o partido está a criar uma coligação com 7 outros partidos, originando o consecutivo envolvimento de membros de múltiplas castas, celebrando a aparente natureza inclusiva do partido, especialmente no estado de Uttar Pradesh. Mais informação relativa a este projeto de 2022 disponível em <<https://theprint.in/politics/this-is-bjps-new-caste-coalition-for-2022-up-polls-the-7-parties-its-members/761913/>>.

e dinâmicas, desafiando a natureza multidisciplinar Congresso e focando-se numa política única com objetivos concretos para a Índia, assentes numa corrente ideológica específica e inédita no governo, não só por ser representada pelo BJP, mas por ser fortemente conduzida por Narendra Modi, cuja representação do partido inclui um amplo leque de influências históricas, não exclusivamente do Nacionalismo-Hindu. Porém, esta é uma abordagem complexa face à multiculturalidade presente na Índia, sendo considerada como limitadora e possível encorajadora de violência entre grupos culturais e étnicos.

Em termos de política externa, a Índia detém um papel crucial em termos de equilíbrio de poder regional, sendo esta uma importante componente de modo a obter paz, em qualquer região. A relação atual da Índia com os seus vizinhos é variada e complexa, e tem sido estimulada sob o governo de Modi: tensão com a China e o Sri Lanka, relações amigáveis com o Nepal, cordiais com o Bangladesh, e defensivas com o Paquistão. Modi colocou o devido foco nas relações regionais da Índia, visto que estas constituem possíveis garantias de paz e cooperação a vários níveis, sobretudo no que toca ao investimento na Índia e no desenvolvimento económico do país, expresso por Modi com a campanha *Make in India*. Os principais interesses globais são relativos ao Japão e Estados Unidos, duas potências pelas quais a Índia tem trabalhado aproximação face a interesses comuns, ao longo das décadas, reforçando a ambição pelo estatuto de superpotência.

Apesar das perspetivas de Modi em relação à Índia serem fortemente baseadas na premissa nacionalista, tentando unir o país de forma homogénea, desconsiderando a multiplicidade étnica e religiosa presente ao longo do território, o governo tem de facto realizado iniciativas que contrariaram a tendência prevista para o sistema político da Índia há várias décadas atrás.

Modi tem também superado algumas das expectativas face a um governo nacionalista-Hindu, e apesar da complexidade enfrentada pelo Primeiro Ministro, bem como a gestão da problemática global trazida pela COVID-19, a Índia pode estar a caminho de um novo estatuto no sistema internacional. Porém, o alcance de desenvolvimento e crescimento económico só é possível com o devido acompanhamento de políticas que visem ter em conta os direitos e liberdades dos cidadãos, bem como o compromisso para com as temáticas que têm atormentado a Índia nos últimos anos. A eficiência do atual governo deve também participar na redistribuição e consciência social, de modo a permitir um crescimento sustentável e sustentado.

Certamente que a Índia já se encontra num novo ciclo, quer a nível político, quer a nível social, que promete a observação de mudanças em vários setores nos próximos anos.

5. 2021: O Pós-Realinhamento e o Novo Paradigma COVID-19

A situação pandémica vivida globalmente desde o final de 2019 e o começo de 2020 veio alterar profundamente o mundo e a sua ordem, e a Índia não constituiu exceção. As prioridades governamentais foram clarificadas a vários níveis, nomeadamente a nível da saúde pública e do contexto pandémico mundial vs. o peso cultural de certas celebrações religiosas, refletindo a perspectiva de um governo focado na Índia Hindu ao invés de na Índia secular⁸. Exemplo disso foi a cerimónia Hindu ocorrida em fevereiro de 2021, onde foi também celebrado o fim da pandemia na Índia, e originando, semanas mais tarde, uma das piores vagas do vírus no país, provocando uma retração significativa na forma de gerir o novo coronavírus.

No caso da Índia, é estabelecida uma correlação entre a situação pandémica e o aumento de violência em zonas politicamente mais tensas — como nas regiões do nordeste do país, junto das fronteiras com o Bangladesh, denominadas na literatura como uma das zonas mais voláteis do Sudeste Asiático⁹. A questão da migração vinda do Bangladesh, uma das temáticas centrais entre as relações diplomáticas dos dois países vizinhos, entra em conflito com a existência de grupos tribais a nordeste da Índia. Porém, o aumento da violência e a sua correlação com a COVID-19 não foi verificado apenas a nordeste, mas de forma generalizada em todo o país, aliado à insatisfação política vivida em relação às medidas tomadas e às restrições impostas pelo governo Indiano.

De acordo com os dados fornecidos pelo ACLED, entre 22 a 29 de março de 2020, verificou-se, apenas pela terceira vez desde 2016, a superioridade em relação a ocorrências relacionadas com violência política, em comparação com demonstrações de violência. Assim sendo, a organização refere-se a um aumento de 40% relativamente a demonstrações de violência entre 24 de março de 2020 — quando foi imposto o primeiro confinamento — e 30 de setembro de 2020, quando comparados com o período pré-pandémico. As demonstrações tinham como objetivo múltiplas questões, entre elas pedidos de auxílio financeiro, aumento da oferta de bens, bem como melhores infraestruturas para o combate da pandemia.

8. É importante a menção de que, perante uma Índia alinhada com o secularismo, as cerimónias religiosas continuariam a acontecer, visto que aproximadamente 80% da Índia segue tradições Hindus, 14% são Muçulmanos, e os restantes constituem minorias religiosas no país, como o Cristianismo, Sikhismo, Budismo, e Jainismo, entre outras tradições (All India Religion Census, Data 2011). A problemática consistiu no exemplo dado pelo governo, que participou nestas mesmas celebrações e permaneceu ativo quando as restrições se encontravam ainda impostas, bem como a permissão dada para a celebração à escala nacional, de modo bastante relaxado em termos de medidas sanitárias.

9. De acordo com o Armed Conflict Location & Event Data Project (ACLED).

É também mencionado no relatório como a pandemia ativou a repressão estatal, sendo verificado um aumento de ataques a civis pela parte de forças policiais, nomeadamente no reforço da execução das medidas de distanciamento impostas pela lei. Também o aumento de restrições levou ao aumento na tensão policial na região do nordeste da Índia, conduzindo frequentemente a confrontos entre os manifestantes e as forças policiais. Durante os confinamentos, as forças de segurança aumentaram o foco em grupos insurgentes a nordeste do país, efetuando detenções, ataques, e apreensões de armas aos mesmos, que continuaram ativos apesar da inicial redução na violência. A ação destes grupos focou-se, posteriormente, na tentativa de descrédito ao governo e na elaboração de várias declarações ao público, nem sempre baseadas em factos. O aumento do desemprego constituiu um dos fatores que encorajou a maior adesão do público a estes grupos, bem como ao aumento da sua atividade não-violenta.

O conjunto de medidas tomadas pelo atual governo no ano de 2020 diferiu bastante das medidas — ou relaxamento das mesmas — no ano de 2021. No início de 2021 ocorria a celebração do festival Kumbh Mela, uma das mais importantes celebrações Hindus, por milhares de devotos, reunidos sem qualquer distanciamento e condições de segurança. Estas condições deram origem a uma das piores vagas do vírus vividas no país semanas mais tarde. Também os comícios políticos levados a cabo pelo BJP foram alvo de protestos, numa altura em que o país se debatia com uma das piores vagas do vírus e as infraestruturas de saúde estavam já a colapsar.

Assim, denota-se correspondência entre o vírus e as medidas em vigor, quer através da relação do confinamento e privação social com o aumento de demonstrações de violência e violência política, quer com as prioridades do governo perante celebrações sem as devidas medidas de segurança e distanciamento, aumentando o conflito face ao governo. Em fevereiro de 2021, o BJP chegou mesmo a citar a derrota da COVID-19 por parte da Índia:

Pode ser dito com orgulho, Índia... derrotou a COVID-19 sob a liderança capaz, sensível, comprometida do Primeiro Ministro Modi... O partido saúda inequivocamente a sua liderança por introduzir a Índia ao mundo como uma nação orgulhosa e vitoriosa na luta contra a COVID.^[10]

Alguns autores referem a pandemia como a pior crise desde a partição do país em 1947, alegando que o desempenho do governo de Narendra Modi con-

10. Patel, H. (2021). India's Modi Rallies As His People Die From Coronavirus. *EA World View*. <<https://eaworldview.com/2021/05/coronavirus-indias-modi-rallies-as-his-people-die/>>

duziu o país à situação catastrófica vivida em meados de abril de 2021, mencionando como a confiança excessiva do Primeiro Ministro levou ao colapso, correlacionando a natureza populista de Modi — tal como a de outros líderes mundiais —, com a gestão da situação pandémica, alegando que as fraquezas de regimes populistas foram acentuadas com a crise global vivida desde 2020, sendo que é o povo quem sofre as consequências. No caso da Índia, onde parte significativa da população reside em zonas rurais, o impacto causado pela falta de medidas e desinformação foi atroz, estando por isso correlacionado com o aumento de demonstrações de violência.

A gestão da COVID-19 por parte da Índia não deve ser analisada de forma distante da perceção de Modi em relação ao país, quer em termos políticos, quer a nível religioso e cultural, uma vez que as decisões tomadas em contexto pandémico serviram de demonstração face a algumas das prioridades do atual governo. Assim, convém compreender o aumento dos fenómenos de cariz violento vividos na Índia como que interligados ao conflito vivido pela sociedade civil — em particular os grupos rebeldes, que aumentaram o recrutamento durante a pandemia — juntamente com as medidas tomadas e, sobretudo, com a perspetiva do atual governo face a uma Índia uma que é capaz de transcender as normas impostas ao resto do mundo.

6. Conclusão

É possível afirmar que Narendra Modi representa o começo de uma nova era de *sharp power* na Índia, perante a existência de assertividade face aos valores do partido, camuflando o despoletar de uma supremacia-Hindu^[11]. Os efeitos na sociedade Indiana são claramente visíveis: basta seguir atentamente alguns dos principais órgãos de comunicação do país, uma vez que todos abordam — ainda que alguns, de forma tendenciosamente nacionalista — as temáticas relativas ao significativo aumento exponencial de violência, quer nas relações entre os cidadãos, como perante a vida política, onde são observadas normas cada vez mais restritas e agressivas contra determinados grupos de origem étnico-religiosa não dominante. A vida quotidiana em algumas partes da Índia é, para alguns grupos étnico-religiosos, um desafio, onde a segurança e bem-estar individual está em risco.

O fenómeno da extrema-direita Hindu na Índia contemporânea é observado quer sob perspetivas catastróficas, quer com incerteza face ao futuro. Porém, é seguro afirmar que a perceção da Índia enquanto nação independente, padecendo ainda de alguns efeitos nefastos da era colonial, especialmente da

11. Para mais informação relativa a esta temática, é recomendada a leitura do seguinte artigo, disponível em <<https://time.com/6103284/india-hindu-supremacy-extremism-genocide-bjp-modi/>>.

partição que originou duas nações distintas, não é mais viável na análise do governo de Narendra Modi. A sua própria percepção da Índia transcende qualquer dimensão histórica e foca-se no potencial, ainda que utópico, de uma Índia Hindu, negligenciando todos os fatores históricos e culturais que continuam a coabitar por entre as tão distintas regiões geográficas do país.

A Índia de Modi é assim uma perigosa ilusão que pode cair colocar em causa o forte crescimento e desenvolvimento que o país tem testemunhado ao longo das últimas décadas. Porém, é inegável a menção às iniciativas tomadas pelo governo de Modi, contribuintes para uma Índia mais firme na arena internacional, começando pela inovação e desenvolvimento no interior do país. Paradoxalmente, a fomentação de conflitos de foro étnico-religioso contradiz de todo qualquer premissa existente relativa a desenvolvimento humano, daí este artigo se focar primeiramente em Modi como a personificação moderna da Hindutva de Savarkar (1923), no contexto da Índia contemporânea, que constitui um projeto utópico do mesmo.

Ainda assim, o estudo da Índia no pós-2014 deverá permanecer alerta aos possíveis efeitos da narrativa nacionalista, que serão mais facilmente observáveis nos próximos anos, especialmente devido à situação pandémica que trouxe maior complexidade ao sistema. Possíveis alterações na resposta dada por Modi, bem como a sua adaptabilidade a um sistema dotado de maior complexidade, serão também perspetivas de análise para o futuro, atendendo ao caminho que este tem percorrido, e irá percorrer, como Primeiro Ministro da Índia e fruto de uma das eras mais importantes e conturbadas da história do país.

Data de receção: 17/11/2021

Data de aprovação: 21/12/2021

Referências

- Armed Conflict Location & Event Data Project (2020), *Armed Conflict Location & Event Data Project*, <https://acleddata.com/2020/10/26/covid-19-and-political-unrest-in-northeast-india/>
- Chandhoke, N. (2014). India 2014: Return of the One-Party Dominant System. *Instituto Affari Internazionali* (IAI). <http://www.jstor.org/stable/resrep09761>
- Chishti, S. M. A. W. (2004). Secularism in India: An Overview. *The Indian Journal of Political Science*, 65(2), 183–198. <http://www.jstor.org/stable/41855808>
- Chowdhury, D. R. (2021). Is India Headed for an Anti-Muslim Genocide? *TIME*. <https://time.com/6103284/india-hindu-supremacy-extremism-genocide-bjp-modi/>
- Das, K. N. & Ahmed, A. (2021). *India's Modi scorned over reckless rallies, religious gathering amid virus mayhem*. <https://www.reuters.com/world/india/indi->

- as-modi-scorned-over-reckless-rallies-religious-gathering-amid-virus-mayhem-2021-04-19/
- Desai, M. (2006). Democracy and Development: India 1947–2002. In R. JHA (Ed.), *The First Ten K R Narayanan Orations: Essays by Eminent Persons on the Rapidly Transforming Indian Economy* (pp. 99–110). ANU Press. <http://www.jstor.org/stable/j.ctt2jbknm.11>
- Hameed, U. (2020). Footprints of Fascism in India: Implications for Local Muslims. *Policy Perspectives*, 17(2), 27–46. <https://doi.org/10.13169/polipers.17.2.0027>
- Key, V. O. (1955). A Theory of Critical Elections. *The Journal of Politics*, 17(1), 3–18. <https://doi.org/10.2307/2126401>
- Lopes, J. (2020). *Hindu-Nationalism and the influence of Savarkar, Vivekananda, Gandhi and Nehru in the Political Thought of Narendra Modi*, Lancaster University.
- Mitra, S. K., & Schöttli, J. (2016). India's 2014 General Elections: A Critical Realignment in Indian Politics? *Asian Survey*, 56(4), 605–628. <https://www.jstor.org/stable/26364378>
- Ovhal, R. (2021). *Case Study: Use of Propaganda by BJP in 2014 General Elections*. <https://rupaliovhal.wordpress.com/2021/01/17/case-study-use-of-propaganda-by-bjp-in-2014-general-elections/>
- Patel, H. (2021). India's Modi Rallies As His People Die From Coronavirus. *EA World View*. <https://eaworldview.com/2021/05/coronavirus-indias-modi-rallies-as-his-people-die/>
- Sharma, I. (2020). COVID-19 and Political Unrest in Northeast India. *Armed Conflict Location & Event Data Project (ACLED)*. <https://acleddata.com/2020/10/26/covid-19-and-political-unrest-in-northeast-india/>
- Wyatt, A. (2014). India in 2013: Braced for an Election. *Asian Survey*, 54(1), 151–164. <https://doi.org/10.1525/as.2014.54.1.151>
- Wyatt, A. (2015). India in 2014: Decisive National Elections. *Asian Survey*, 55(1), 33–47. <https://doi.org/10.1525/as.2015.55.1.33>
- Yeung, J. (2021). *Mass religious festival goes ahead in India, despite Covid fears as country enters second wave*. <https://edition.cnn.com/2021/04/01/india/india-kumbh-mela-2021-intl-hnk/index.html>

Sobre a autora

JOANA PATRÍCIA LOPES é licenciada em Relações Internacionais pela Universidade de Évora desde 2019, e mestre em Diplomacia e Religião pela Lancaster University desde 2020. A sua área de estudo foca-se na Índia contemporânea, tendo elaborado a sua tese de mestrado na análise das influências político-filosóficas presentes no pensamento político do atual Primeiro Ministro da Índia, Narendra Modi. Trabalhou como estagiária na Europe India Foundation for Excellence (EIFE), e na Dipendra Kandel Initiative, em 2020/21. Atualmente é colunista para a Defence and Security Alert magazine (DSA), sediada em Nova Deli. É investigadora colaboradora do Instituto do Oriente desde novembro de 2021.

[ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-4500-9215>]

About the author

JOANA PATRÍCIA LOPES graduated in International Relations from the University of Évora in 2019, and completed a MA degree in Diplomacy and Religion in Lancaster University, in 2020. Her area of study focuses on contemporary India, developing her MA dissertation on the analysis of India's current Prime Minister, Narendra Modi, and the political and philosophical influences in his political thought. She was an intern for the Europe India Foundation for Excellence (EIFE), and the Dipendra Kandel Initiative, in 2020/21. Today, she is a columnist for the Defence and Security Alert magazine (DSA), based in New Delhi. She is collaborator researcher of the Orient Institute since November 2021.

[ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-4500-9215>]